

**ORALIDADE E LINGUAGEM MUSICAL: ENCONTROS E DESENCONTROS
NA EDUCAÇÃO INFANTIL****ORALITY AND MUSICAL LANGUAGE: ENCOUNTERS AND DISENGUES IN
CHILD EDUCATION****ORALIDAD Y LENGUAJE MUSICAL: ENCUENTROS Y DESENGANCHES
EN LA EDUCACIÓN INFANTIL**Ezenice Costa de Freitas BEZERRA¹Telma Cristina Martins dos SANTOS²Juracy Machado PACÍFICO³

RESUMO: Este artigo aborda a relação da oralidade com a linguagem musical e objetivou apresentar propostas que auxiliem no desenvolvimento da criança na Educação Infantil. Foi desenvolvido a partir de estudos bibliográficos e do Referencial Curricular para a Educação para a Educação Infantil (BRASIL, 1998) em discussão com abordagens de pedagogos e educadores musicais como Baptista (2010), Coutinho (2007), Godoi (2011), Nascimento (2007), Mores (2002), Pereira (2011), Schroeder (2011), Soares (2016), Swanwick (2003), Schafer (1991) e Jeandot (1990), além de textos de revistas que enfatizam a Educação Infantil. Os resultados apontam que a junção da oralidade com a linguagem musical constitui um dueto de sucesso no ambiente escolar com as crianças, existindo ainda muitos desafios a serem transpostos neste processo.

Palavras Chave: Oralidade. Educação Musical. Educação Infantil

ABSTRACT: This article approaches the relation of orality with the musical language and aims to present proposals that aid in the development of children in Early Childhood Education. It was developed from bibliographical studies and the Curriculum Framework for Education for Early Childhood Education (BRAZIL, 1998) in a discussion with approaches of pedagogues and musical educators such as Baptista (2010), Coutinho (2007), Godoi (2011), Nascimento 2007), Mores (2002), Pereira (2011), Schroeder (2011), Soares (2016), Swanwick (2003), Schafer (1991) and Jeandot (1990), as well as journal articles emphasizing Early Childhood Education. The results show that the combination of orality with musical language constitutes a successful duet in the school environment with children, and there are still many challenges to be overcome in this process.

Keywords: Orality. Musical education. Child education

RESUMEN: Este artículo aborda la relación de oralidad con el lenguaje musical y pretende presentar propuestas que ayuden en el desarrollo de niños en la Educación Infantil. En el caso de los alumnos de la escuela primaria, los alumnos de la escuela primaria y secundaria de la escuela primaria de enseñanza superior, , Mores (2002),

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar – Mestrado Profissional – Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR – Porto Velho. ezenicebezerra@unir.br

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar – Mestrado Profissional da Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR. Formação em Educação Artística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Professora do Instituto Federal de Rondônia (IFRO). E-mail: telma.cristina@ifro.edu.br.

³ Doutora em Educação. Profa. do Departamento de Ciências da Educação (DED/UNIR). E-mail: juracypacifico@unir.br

Pereira (2011), Schroeder (2011), Soares (2016), Swanwick (2003), Schafer (1991) y Jeandot (1990), así como artículos de revistas que enfatizan la educación infantil. Los resultados muestran que la combinación de oralidad con lenguaje musical constituye un dueto exitoso en el ambiente escolar con niños, y todavía hay muchos desafíos a ser superados en este proceso.

Palavras clave: Orales. Educación musical. educación Infantil.

Introdução

A linguagem oral da criança inicia desde o seu nascimento através do contato com a mãe, família e de todos que a cercam. Assim, observando e interagindo a criança vai aprendendo a verbalizar o que ouve, sente e toca, sendo criados elementos que farão parte de sua formação social, emocional, física e cognitiva. Segundo o Referencial Curricular da Educação Infantil (RCNEI) (BRASIL, 1998) desde muito cedo os bebês já enunciam sons articulados para interagirem com o mundo que os cercam, estabelecendo iniciativas de comunicação que vão desde o balbuciar de pequenos monossílabos, o choramingar quando sentem algum incômodo ou apontar o dedo no desejo de obter algo. A partir de um ano de idade já pode selecionar os sons que lhes são dirigidos e tentam descobrir sobre os sentidos das enunciações e procuram utilizá-los. Assim também muitos fenômenos relacionados com o discurso e a fala, como os sons expressivos, alterações de volume e ritmo, ou o funcionamento dialógico das conversar nas situações de comunicação, são utilizados pela criança mesmo antes que saiba falar, ou seja, antes de se expressarem pela linguagem oral as crianças podem se fazer compreender e compreender os outros, pois a competência linguística abrange tanto a capacidade das crianças para compreenderem a linguagem quanto sua capacidade para se fazerem entender.

Nestas interações a criança entra em contato com várias formas de linguagens que a auxiliarão no desenvolvimento de sua fala, e a música traz muitas possibilidades para este fim, pois em qualquer meio em que ela se encontre, ou em algum momento estará presente oportunizando uma experiência que a ajudará a expressar seus sentimentos e ideias. Segundo Baptista (2010, p. 02), “a criança produz cultura na interação que estabelece com outras formas e manifestações de cultura”, emergindo desta interação novos saberes, conhecimentos e experiências.

A relação da oralidade da criança com a música nesta fase tem muito a ver com suas experiências ao brincar, onde no faz de conta ela imita expressões e entonações que os adultos utilizam e pode encontrar o apoio na música, pois seus responsáveis podem

cantar ou ouvir música do rádio, da televisão ou em eventos em que a criança participa junto a família.

No ambiente escolar a música torna-se também um elemento importante para o desenvolvimento da oralidade da criança na educação infantil, onde segundo Schroeder (2011, p. 108):

O processo de apropriação da linguagem musical, nesta faixa etária, talvez, ou principalmente aconteçam em situações nas quais as crianças não estão propriamente “fazendo música”, mas vivenciando-a de diversas outras formas: dançando, representando, imitando, fazendo gestos, brincando.

Este artigo busca estabelecer a relação entre a oralidade e a linguagem musical, tendo como fundamento o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) (BRASIL, 1998) já que é uma espécie de guia de objetivos, conteúdos e orientações didáticas para as professoras da Educação Infantil. Buscamos conceituar cada um dos temas, apresentando propostas pedagógicas com sugestões de atividades para a professora envolver as crianças contando e cantando estórias, interpretando fábulas, lendo e dançando as histórias e fazendo o que elas mais gostam: movimentando-se. Observamos alguns desafios que ainda são motivos de desencontros para esta relação e acreditamos que há um futuro promissor para o desenvolvimento da Educação Infantil.

A Oralidade

Desde a mais tenra idade as crianças apresentam várias maneiras de se comunicarem, e isto ocorre naturalmente em função de sua maturação fisiológica e biológica, além do convívio que elas têm com aqueles que estão ao seu redor. Segundo o RCNEI (BRASIL, 1998, p. 120) “A aprendizagem oral possibilita comunicar ideias, pensamentos e intenções de diversas naturezas, influenciando o outro a estabelecer relações interpessoais”. As crianças se comunicam por meio de gestos, sinais e da linguagem oral, ainda que as mais jovens apresentem uma comunicação mais egocêntrica que social, mas ainda assim é social. Vygotsky (1934, p. 19) afirma que “o discurso egocêntrico surge quando a criança transfere as formas sociais cooperativas de comportamento para a esfera das funções pessoais internas, que é quando as crianças começam a conversar consigo própria, como se estivesse a falar com outrem”.

Devemos considerar então que a função primordial da linguagem das crianças é a comunicação, o contato social. A escola da educação infantil favorece este desenvolvimento da aprendizagem oral e culmina numa ampliação das capacidades de comunicação e expressão objetivando as quatro competências básicas a serem construídas pela criança que são: falar, escutar, ler e escrever. Várias propostas para o desenvolvimento destas ações têm sido utilizadas com o intuito de levar a criança a perceber a função das palavras por meio da oralidade, como a de brincar aprendendo. Segundo Soares (2016, p. 331), estas ações levam à expressão *alfabetizar com método*:

Orientar a criança por meio de procedimentos que, fundamentados em teorias e princípios, estimulem e orientem operações cognitivas e linguísticas que progressivamente a conduzam a uma aprendizagem bem-sucedida da leitura e escrita em uma ortografia alfabética, inferem em novas possibilidades de acesso ao impresso e da democratização da educação escolar.

Então a construção da linguagem oral na educação infantil tem como objetivo aumentar e melhorar o vocabulário, aperfeiçoar a formação de sentenças e ter clareza na comunicação, e que segundo as orientações didáticas do RCNEI (BRASIL, 1998, p. 134-135), “é importante que o professor converse com as crianças, ajudando-as a se expressarem, apresentando-lhes diversas formas de comunicar o que desejam, sentem, necessitam etc”. Mas será que a prática educativa tem valorizado o ensino da oralidade em sala de aula, considerando que o desenvolvimento da oralidade acontece mediante a vivência e convivência de várias experiências? Chaer (2012, p. 73) destaca que:

É fundamental que o professor busque contemplar o trabalho da oralidade como fator essencial em sala de aula, pois infelizmente muitos professores tem dado pouca ênfase ao assunto, acreditando que a fala da criança, por ser praticada no dia-a-dia, já está bem dominada por ela.

Sem dúvida, essa é uma questão que merece ser discutida nas formações para docentes da Educação Infantil, pois há um significado implícito nas práticas pedagógicas de que o silêncio em uma sala de aula significa que a professora é didaticamente boa. Isso, como vimos, é questionável, já que para e com elas a oralidade, e portanto, a conversa, a música, as interações verbais são situações que precisam se fazer presentes em todo o cotidiano da educação infantil.

Encontros da Oralidade

Exporemos aqui o que autores como Pereira (2001), Coutinho e Rocha (2007), Nascimento (2007) e o RCNEI (BRASIL, 1998) têm como propostas para o desenvolvimento da oralidade na Educação Infantil, as quais chamamos de *Encontros*, visto que propostas + oralidade + crianças são, com certeza, uma boa integração de orientações para que elas tenham um êxito ainda maior em sua comunicação em casa, na escola e na sociedade que as cercam. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, instituídas pela Resolução nº 05 de 17 de dezembro de 2009 (BRASIL, 2009) apontam ações que dizem respeito ao desenvolvimento integral da criança, conforme definido no artigo 8º, que aborda a necessidade de articular educação e cuidados com o objetivo de integrar todas as dimensões do sujeito:

A proposta pedagógica das instituições da Educação Infantil deve ter como objetivo a criança e o acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças.

E vai além, quando no §1º do mesmo artigo destaca que “na efetivação desse objetivo, as propostas pedagógicas das instituições de Educação Infantil deverão promover condições para o trabalho coletivo e para a organização de materiais, espaços e tempos” (BRASIL, 2009). Pereira (2011) sugere uma gestão compartilhada onde os diferentes profissionais (dentistas, fonoaudiólogos, psicólogos e agentes de saúde) auxiliem em orientações para as ações do dia a dia, influenciando na qualidade de vida dos pequenos. A autora (PEREIRA, 2011, p. 87) afirma que é “fundamental uma gestão compartilhada, na qual todos os envolvidos sintam-se responsáveis pela qualidade dos serviços de educação. Nessa proposta o grupo em conjunto deve buscar alternativas e recursos, indicando novas possibilidades para a realização das mesmas”.

“Conhecer a criança é o ponto de partida para uma prática mais significativamente democrática”, diz Nascimento (2007, p. 11), onde a escola precisa considerar a criança em sua essência, e não a enxergar apenas para cumprir um currículo ou projetos escolares e sim cultura que forma e é formada na linguagem. A autora traz uma abordagem sobre a escola possuir uma identidade, neste sentido, seria a valorização da cultura infantil que seriam compreendidas como significações e formas

de ação social específicas que estruturam as relações das crianças entre si, bem como os modos pelos quais interpretam e agem sobre o mundo. Lembrando que a proposta pedagógica deve ser um caminho trilhado por todos, coletivamente, onde a concepção de infância, homem, educação, conhecimento e cultura estejam fundamentados em referências teóricas que se articulem à prática.

Já o RCNEI (BRASIL, 1998, p.134-136) sugere propostas pedagógicas para o desenvolvimento da oralidade com as crianças de 0 a 6 anos, que são:

- Uso da linguagem oral para conversar, brincar, comunicar e expressar desejos, necessidades, opiniões, ideias, preferências e sentimentos e relatar suas vivências nas diversas situações de interação presentes no cotidiano;

- Elaboração de perguntas e respostas de acordo com os diversos contextos de que participa;

- Participação em situações que envolvem a necessidade de explicar e argumentar suas ideias e pontos de vista;

- Relato de experiências vividas e narração de fatos em sequência temporal e causal;

- Reconto de histórias conhecidas com aproximação às características da história original no que se refere à descrição de personagens, cenários e objetos, com ou sem a ajuda do professor;

- Conhecimento e reprodução oral de jogos verbais, como trava línguas, parlendas, adivinhas, quadrinhas, poemas e canções.

É sempre necessário analisar como deve ser trabalhada a linguagem com as crianças levando em conta os três princípios da Educação Infantil segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI), Art. 6º, que são *éticos* (autonomia, responsabilidade, solidariedade, respeito ao bem-comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades); *políticos* (direitos de cidadania, exercício da criticidade, respeito à ordem democrática); e *estéticos* (sensibilidade, criatividade, ludicidade, liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais).

Desencontros da Oralidade

Os *Desencontros* expostos aqui são alguns desafios a serem trabalhados em sala de aula com as crianças, que para Kishimoto (2001, p.12) são:

Como justificar o controle do corpo, com atividades concebidas onde o espaço é inadequado para ações autônomas da criança? Os materiais mais presentes são os gráficos, que não privilegiam o corpo e o movimento? As práticas pedagógicas atribuem maior tempo para atividades intelectuais voltadas para aquisição das letras e números? Brinquedos e brincadeiras aparecem no discurso, mas na prática restringem-se ao recreio e momentos de transgressão das normas?”

Devemos analisar como o cotidiano da escola se relaciona com o do mundo fora da escola, quais são os valores que estão sendo trabalhados com as crianças, afinal muitas delas já vivem em situações de perigo, de desprezo, de violência e todo cuidado é pouco quando a questão é a educação de uma criança. É preciso que o ambiente estimule a imaginação e a criatividade delas, que os espaços sejam organizados com materiais acessíveis em quantidade e qualidade suficientes, e à medida que a sociedade se apropria do objeto do conhecimento, vai sofrendo profundas modificações e criando significados, formas de interação, representações, maneiras próprias de elaborar o pensamento.

É evidente que ainda são muitos os caminhos a serem percorridos para uma educação infantil de qualidade, e mesmo que ao longo da última década muitas conquistas tenham sido realizadas sobre a produção de pesquisa e estudos sobre a educação infantil, ainda existem muitos desafios a serem vencidos. Segundo Aquino (2007, p. 26), “é preciso divulgar o documento produzido pelo MEC, levando em conta o educador, que é fundamental nesse processo, que precisa ouvir e ser ouvido, opinar e dar sugestões, conversar com os pais, encaminhar propostas à direção da escola, aos conselhos de educação”. Outro papel importante é da direção escolar que pode mobilizar, apoiando na construção e viabilização dos projetos, levando a comunidade a entender que é importante investir na escola, nas crianças, na educação. Considerando sempre que cada criança está em desenvolvimento e que é única, e que a escola tem o papel de descobrir meios de superar os desafios e transformar a vida de uma criança.

A linguagem musical

Segundo Swanwick (2003, p.38), “toda música nasce em um contexto social e ela acontece ao longo e intercalando-se com outras atividades culturais, e é de um valor

compartilhado com todas as formas de discurso, porque articulam e preenchem os espaços entre diferentes indivíduos e culturas distintas”.

O que é musicalização? De acordo com Brécia (2003, p.14):

A musicalização é um processo de construção do conhecimento, que tem como objetivo despertar e desenvolver o gosto musical, favorecendo o desenvolvimento da sensibilidade, criatividade, da imaginação, memória, concentração, atenção, autodisciplina, do respeito ao próximo, da socialização e afetividade, além de contribuir para uma efetiva consciência corporal e de movimentação.

Existem hoje muitos métodos de musicalização para as crianças em idade pré-escolar, e a cada tempo surgem grupos voltados para este fim, e lançam formas de trabalhar com esta faixa etária. Porém, neste artigo ressaltaremos os principais métodos de musicalização infantil que serviram de fundamentos a todos os que surgiram após eles. Alves (2003, p. 12-15), aponta os seguintes:

1. Émile Jaques-Dalcroze: defensor de que todos deveriam ter acesso à música, e que a sua obrigatoriedade na escola seria o único meio de estimular a divulgação desta arte, sendo o método inovador e revolucionário. O método valorizava o conceito do ouvido musical, ritmo como forma participativa e ativa, que o corpo deve estar em movimento e que três elementos baseiam o estudo deste método: o ritmo, a movimentação e a improvisação.

2. Edgar Willems: seu método valorizava o ouvido musical, diferenciando a educação musical do estudo de um instrumento, defendendo que a educação musical deve ser um dos meios para se atingir o objetivo que é a arte. Willems defendia a preparação auditiva pelos aspectos fisiológicos (natureza da atenção, ouvido e percepção), afetivos (sensibilidade da audição relacionada às emoções) e mentais (compreensão dos sons, consciência da sonorização).

3. Justine Bayard Ward: este método defende o ensino da música voltada para o canto coral, estudando a altura, o ritmo, a palavra cantada. O diferencial de sua proposta é que ela prioriza o canto gregoriano e inicia os alunos deste a infância. Este método defende uma formação musical sólida, porém menos voltada para a teoria e mais para a prática.

4. Carl Orff: inovou o trabalho de música com as crianças, pois partiu do movimento das crianças e não do conhecimento musical, e seu objetivo era permitir que a criança fosse capaz de vivenciar a música também por meio da exploração corporal,

dos movimentos, como uma comunicação com a música. Seu método baseia-se principalmente na criação e improvisação da música-movimento.

5. Maurice Martenot: foi um dos maiores compositores e pedagogos franceses no século XX. Sua proposta baseia-se no canto e nos movimentos ritmados. Ele defendia que a união do som e da melodia desenvolve o sentido rítmico pela sensação do balanço do corpo, a afetividade contida no sentimento de segurança e amor do ritmo musical e da memória musical por meio da repetição de canções.

6. Zoltán Kodaly: seu método baseia-se em canções populares, porém, evidenciando a pronúncia correta das palavras e a sonorização adequada com exercícios rítmicos simples, com músicas que devem ser motivantes e motivadoras a atenção dos alunos. O canto, a audição, a escrita e a leitura estão relacionadas ao seu método.

7. Heitor Villa-Lobos: foi um músico que se preocupava muito com a formação da arte e da música para o povo brasileiro, sendo para ele a música um direito de todos, principalmente a música popular. Sua proposta era que a criança tivesse, desde a iniciação escolar estímulos artísticos e que fosse uma vivência cotidiana nas escolas. Introduziu o canto orfeônico, que na época foi formado nas escolas brasileiras com integrantes sem conhecimento musical. Preparou professores da educação primária para trabalhar o canto orfeônico e compôs dezenas de músicas infantis que enalteciam a cultura popular, além de desenvolver um guia com canções folclóricas voltadas para a educação musical escolar.

Encontros com a Linguagem Musical

Nos RCNEI a música é descrita “como uma linguagem, uma forma de conhecimento a ser utilizada desde a mais tenra idade onde são proporcionados o contato com objetos sonoros e sons (reconhecimento)”. Segundo Alves (2015, p.19), “entre os 4 e 6 anos, o trabalho com música permite às crianças uma maior exploração e identificação de sons para se expressar e interagir com os outros em busca do conhecimento de mundo”, e ainda segundo os referenciais a criança já percebe sensações, sentimentos e pensamentos através da improvisação, interpretação e composição musical, sendo os conteúdos trabalhados para desenvolver a comunicação e a expressão, além de abranger materiais sonoros até a ampliação de repertório e exploração corporal em atividades vivenciadas.

Por meio da musicalização as crianças desenvolvem a atenção, concentração, cognição, afeto, habilidades motoras, habilidades rítmicas, autoconhecimento, integração no grupo, criatividade, capacidade de estabelecer relações, memória visual e sonora, sensibilidade, ampliação de um repertório de qualidade; além de estimular o prazer e o interesse pelo conhecimento e pela criação musical (ALVES, p. 21, 2015). Mas que proposta podem ser desenvolvidas para que se alcance os objetivos citados? Traremos sugestões que Alves (2015) apresenta para que o educador insira em sua proposta pedagógica com as crianças:

- *Repertório*: Optar por músicas infantis tradicionais que estimulem o senso rítmico e a atenção.

- *Socialização*: Práticas de ouvir e ser ouvido auxiliam na prática de socialização das crianças, assim como ensinam o respeito, a concentração, a paciência de forma lúdica.

- *Afetividade*: apresentar a música como instrumento de integração e respeito, de forma que a criança tenha sensibilidade não somente para ouvir as canções ou os sons, mas também no seu relacionamento com o outro.

- *Relaxamento*: usar o potencial que a música tem de acalmar propiciando momento de silêncio, aguçando nas crianças a concentração que é tão importante para a aprendizagem.

- *Paisagens Sonoras*: apresentação do ambiente por meio dos sons ao seu redor: pessoas andando, buzinas de veículos, conversas entre eles etc. Motivando a percepção, atenção e criatividade.

- *Sons Corporais*: esta é uma forma muito rica e prazerosa de estimular nas crianças o autoconhecimento, a criatividade, o raciocínio e a percepção sonora promovendo o respeito tanto do próprio corpo quando ao corpo do outro.

- *Exploração de objetos sonoros*: explorar diversos objetos como sucatas, materiais escolares sugerem criatividade e curiosidade às crianças, desenvolvendo sua atenção e percepção sonora.

Desencontros da Linguagem Musical

Então a música no ambiente da educação infantil atende a formação de hábitos, atitudes e comportamento oferecendo através de suas práticas o desenvolvimento da audição, motor e domínio rítmico. Mesmo que a linguagem musical ao contexto

educacional sofra muitas vezes uma discrepância entre o trabalho realizado na área de música e nas demais áreas do conhecimento, ela pode oferecer múltiplos meios de transformação e integração das crianças no ambiente escolar, que de acordo com Kebach (2013, p.31):

Canção para lavar as mãos, para lanche, para guardar os brinquedos são corriqueiramente executadas. A música, nesse momento, ajuda a memorizar ações, a condicionar comportamento, a desencadear automatismos. Em uma sala de aula de ciências, as crianças irão memorizar partes do corpo com uma canção, e os gestos nos lembrarão de “a cabeça fica acima dos ombros, de que esses ficam acima dos joelhos e pés”. Em geral, a participação da música nessa sala de aula é sempre de apoiar ou complementar a aprendizagem de outros conteúdos, que não os musicais, e a memorização. (p. 31).

Por isso é preciso considerar que o professor deve saber utilizar a música de forma a atingir seus propósitos com eficácia. Segundo Schafer (1991, p. 67),

Todo professor precisa levar em conta sua disposição. Sinto que ninguém pode aprender nada sobre o real funcionamento da música se ficar sentado, mudo, sem entregar-se a ela. Como músico prático, considero que uma pessoa só consiga aprender a respeito do som produzindo som; a respeito de música fazendo música.

O espaço e o tempo escolar devem ser mais criativos que rotineiros, principalmente com as crianças, onde a imaginação e a fantasia estão inerentes à aprendizagem delas. Então, pensar em interação levando em conta a interdisciplinaridade, requer um esforço por parte das professoras, onde a música poderá servir de elo entre os conteúdos. Além disso, a interação musical também poderá alcançar as outras salas de aula, outras professoras e outras crianças, contribuindo globalmente para a construção de forma significativa da aprendizagem das crianças na educação infantil. Segundo Ponso (2011, p. 17),

[...] para que uma ação musical interacionista ocorra de forma significativa para as crianças é importante criar demandas e situações que oportunizem a construção, a produção e ampliação de conhecimentos, levando em consideração a diversidade e características dos alunos, assim como seus interesses, suas necessidades e seus tempos diferentes.

Interações da Oralidade com a Linguagem Musical

As interações favorecem o desenvolvimento de novos saberes, novas formas de aproximação e envolvimento em que todos ganharão inovando e ampliando sua prática

ao trabalhar em conjunto. Daremos a partir daqui algumas sugestões, baseado no livro “Música em Diálogo – Ações Interdisciplinares na Educação Infantil”, da professora e educadora musical Ponso (2011), de como inserir e interagir a música com as outras áreas do conhecimento na Educação Infantil, levando em conta cada faixa etária.

Crianças de 1 a 2 anos

a) Musicando histórias

Nesta faixa etária as crianças precisam criar uma rotina para conhecer e evidenciar relações afetivas, é interessante introduzir uma canção com as crianças do maternal I com a finalidade de estabelecer a relação afetiva logo no início do processo de adaptação ao ambiente, aos colegas e à professora. A canção do *Oi*⁴ é uma ótima sugestão para o início da interação com as crianças desta faixa etária, que no início estarão encabuladas, mas canção entoará o nome de cada criança todos os dias, até as crianças aprenderem a canção e o nome umas das outras. Uma estória depois da canção é outra sugestão para interagir a música com as crianças, onde conta-se que numa fazenda viviam vários animais, e imitando os animais, a professora vai comentando sobre o som “fininho” dos passarinhos, e som “grosso” da vaquinha, o “có-có-ri-có” do galo, o miar do gatinho e assim por diante, brincando e introduzindo os sons, a professora pode desenvolver nas crianças a percepção auditiva dos sons “fininhos” (agudos), e os sons “grosso” (grave). É interessante que estas estórias venham caracterizadas de figuras, ou caracterização dos personagens que podem ser feitos pelas próprias crianças.

b) Clássicos Infantis

Por meio dos clássicos infantis podem e devem ser introduzidos para o desenvolvimento musical das crianças às brincadeiras cantadas. Um exemplo disso pode ser o clássico “Os Três Porquinhos”, onde a professora pode introduzir um grupo cantando um tema musical que sempre será cantado durante a contação do clássico, por exemplo, neste clássico, os porquinhos sempre cantam: “*Quem tem medo do lobo mau?*,”

⁴ “Oi, Isabela que bom que vieste cantar aqui”. Os nomes vão sendo trocados durante a canção).

lobo mau, lobo mau. Quem tem medo do lobo mau? Eu não tenho não!”. Além deste grupo cantante, a professora pode introduzir, juntamente com as crianças novos materiais na contação da estória, como esconderijos com panos para que o lobo não os ache e instrumentos de percussão para sonorizar as batidas na porta. O sopro do lobo pode ser sonorizado com flautas e apitos relacionando o som forte com a força do sopro do lobo. Com certeza este momento ficará muito mais interessante permitindo assim a contação da estória inúmeras vezes sem ficar mecânico ou contada sempre da mesma forma. Assim pode acontecer com outros clássicos.

Crianças de 3 a 4 anos

a) Fábulas

As fábulas, que são estórias de animais personificados e que no final tem uma moral, chamam muito a atenção das crianças desta faixa etária, e que podem ser contadas na versão com áudio ou versão literária ilustrada. Uma dessas estórias é a do sapo que queria ir a uma festa no céu, e escondeu-se na viola do urubu, onde a professora pode escolher várias crianças para representarem os personagens, e que com a ajuda dos colegas da sala de aula farão uma festa, imitando a da estória com danças, música tocada no aparelho de som onde serão tocadas músicas bem alegres para que as crianças sintam que estão numa festa. A professora poderá confeccionar com antecedência máscaras com os rostinhos dos bichinhos principais da história; e além destas sugestões a estória pode ser contada em vídeo, que hoje estão disponíveis na internet. Estas versões das fábulas proporcionarão às crianças diversos olhares e comparações favoráveis ao seu crescimento musical.

b) Livros com Temática Musical

No livro *A história do tatu*” (ADUCCI, 2001), a personagem musical é um aspirante a ser músico e não se dá bem com os instrumentos ou com a voz, e experimenta e faz de tudo para encontrar uma maneira de participar de um grupo musical. A personagem descobre afinal, que o som do seu casco possuía uma sonoridade única e a partir de então se torna famoso. Desta estória pode surgir a exploração dos sons do corpo (boca, língua, lábios, mãos e pés), podendo ser ampliada

no decorrer de muitas aulas, onde as crianças descobrem que a voz, enquanto instrumento, constitui o primeiro passo na relação particular do aluno com a música.

Crianças de 5 a 6 anos

O interesse das crianças desta faixa etária pelos enredos de livros, gibis e livros de histórias infantis é grande e auxiliam bastante no processo da pré-alfabetização. A temática musical é abordada por alguns autores da literatura infantil e uma sugestão, como livro de recursos musicais, é a coleção *Mestres da Música* (GRIMM, 2000), que contam a história de grandes compositores com uma linguagem acessível, com ilustrações divertidas, onde as crianças despertam o interesse pelas obras de vários períodos da história. Nestas coleções as audições das sinfonias de Beethoven, por exemplo, servem para que as crianças percebam que a música é usada no seu dia-a-dia, como no som do telefone celular, na propaganda da televisão e até na trilha sonora dos videogames. É importante que a professora contextualize essas músicas em uma linha do tempo, buscando significância para as crianças da Educação Infantil desta idade.

a) Livro, autor e obra

Livros de autores consagrados são sugestões interessantes para utilizar em atividades pedagógicas com as crianças. Toda a escola pode participar onde as turmas podem escolher um autor diferente e criar peças de teatro, brincadeiras e atividades pedagógicas sobre os temas de cada livro. A partir destas sugestões pode-se criar um musical abordando todas as histórias trabalhadas mesclando dança, a música e o teatro. Esta experiência proporciona unidade, envolvimento e interdisciplinaridade, onde todos cooperam com suas experiências e vivências pessoais, formando um trabalho interacionista que começou em sala de aula.

O RCNEI (BRASIL, 1998 p. 58,), também sugere a organização de conteúdos para o trabalho na área da música nas instituições de educação infantil que deverão, acima de tudo, respeitar o nível de percepção e desenvolvimento musical e global das crianças em cada fase, bem como as diferenças socioculturais entre os grupos de crianças das muitas regiões do país. Os conteúdos deverão priorizar a possibilidade de desenvolver a comunicação e expressão por meio da linguagem, onde serão trabalhados

como conceitos em construção, organizados num processo contínuo e integrado que abrangem:

- A exploração de materiais e a escuta de obras musicais para propiciar o contato e experiências com a matéria-prima da linguagem musical: o som (e suas qualidades) e o silêncio;
- A vivência da organização dos sons e silêncios em linguagem musical pelo fazer e pelo contato com obras diversas;
- A reflexão sobre a música como produto cultural do ser humano e a importância e forma de conhecer e representar o mundo.

Orientações Didáticas

Crianças de 0 a 3 anos: Nesta faixa etária, segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, págs. 58-68, 1998) a improvisação favorecerá o desenvolvimento da comunicação das crianças através de jogos musicais intencionais que possibilitarão o exercício criativo por meio dessa linguagem. Os conteúdos poderão: 1. Explorar, expressar a produção do silêncio e de sons com a voz, o corpo, o entorno e materiais sonoros diversos; 2. Interpretar músicas e canções diversas; 3. Participar em brincadeiras e jogos cantados e rítmicos.

Crianças de 4 a 6 anos: 1. Reconhecer e utilizar expressivamente, em contextos musicais das diferentes características geradas pelo silêncio e pelos sons: altura (graves ou agudos), duração (curtos ou longos), intensidade (fracos ou fortes) e timbre (característica que distingue e “personaliza” cada som). 2. Reconhecer e utilizar das variações de velocidade e densidade na organização e realização de algumas produções musicais. 3. Participar em jogos e brincadeiras que envolvam a dança e/ ou a improvisação musical; 4. Utilizar um repertório de canções para desenvolver memória musical.

Apreciação Musical

A escuta segundo Jeandot (1990, p. 21) é a ação de entender e compreender, ou seja, de tomar consciência daquilo que se captou através dos ouvidos, portanto, é

importante que as crianças, nesta fase, saibam apreciar a música de forma a desenvolver o interesse, a motivação e a atenção. As crianças de 0 a 3 anos poderão apreciar:

- Obras musicais variadas;
- Situações que integrem músicas, canções e movimentos corporais;

Pode ser organizado um pequeno repertório que poderá servir de fundamento para o desenvolvimento da apreciação musical em sala de aula como música erudita, música popular, canções infantis e regionais, etc. Este trabalho pode despertar nas crianças o desejo de ouvir e interagir umas com as outras, já que ouvir é também movimentar-se.

As crianças de 4 a 6 anos poderão apreciar:

- Obras musicais de diversos gêneros, estilos, épocas e culturas, da produção musical brasileira e de outros povos e países.
- Elementos musicais básicos: frases, partes, elementos que se repetem etc. (a forma);
- Obras ouvidas e seus compositores para iniciar seus conhecimentos sobre a produção musical.

O trabalho de apreciação musical nesta faixa etária poderá ser mais minucioso, ampliando a capacidade de concentração, enriquecendo e incentivando-as à produção musical, utilizando instrumentos musicais (da orquestra, da banda etc.), gêneros musicais, estilos e a história da música de cada um deles. Assim, o conteúdo musical deve ser acompanhado sempre pelo lúdico, atendendo às necessidades das crianças de falar, cantar e brincar ao mesmo tempo. A professora da educação infantil que integra a música em sua prática pedagógica deve estar disposta trabalhar de modo a: sensibilizar-se e buscar conhecimento (vivências, informações e materiais) para sua prática que ao longo do tempo trarão resultados ainda maiores e satisfatórios para o desenvolvimento de seus alunos em todos os aspectos.

Considerações Finais

A junção da oralidade com a linguagem musical constitui um dueto de sucesso no ambiente escolar com as crianças da Educação Infantil. Segundo Godoi (2011, p. 6) “Ensinar com música tem relação com a percepção e sensibilidade da professora em perceber como esta pode ajudar em sua aula”, propondo atividades que trarão muitos benefícios, evidenciando um trabalho criativo e competente que colaborará para que

as crianças desenvolvam a criatividade, socialização e expressão, servindo de estímulo para que aprendam de forma mais contextualizada e criativa. Todos os autores trazem motivos para se investir no desenvolvimento da linguagem oral das crianças e a música propõe isto, o RCNEI (BRASIL, 1998) traz um arcabouço rico de orientações, sugestões e práticas para a oralidade e linguagem musical que, em exercício, trarão um bom suporte à professora desta faixa etária.

Ainda existem muitos desafios a serem transpostos e acreditamos que muitas contribuições ainda surgirão para desenvolver as práticas da oralidade através da linguagem musical em sala de aula, por meio das brincadeiras, leituras, jogos e apreciação musical que sendo utilizada com eficácia proporcionará um desempenho ainda maior no crescimento cognitivo, emocional e lúdico das crianças. Neste artigo procuramos fazer um apanhado sobre a oralidade e suas possibilidades aliando-a à linguagem musical que é uma ferramenta que possibilita de forma eficaz este crescimento, considera que a proximidade entre educadores, música e crianças no compartilhamento de experiências e informações, refletindo e questionando, indicando caminhos sem a pretensão de impor limites para o desenvolvimento da criança, teremos melhores posturas possibilitando a passagem das crianças pela escola como um tempo de crescimento, possibilidades na formação de seres humanos mais sensíveis, criativos e reflexivos.

Referências

AQUINO, Lígia Maria Leão. **Mobilizar Para Transformar**. Revista Criança, Vol. 43. MEC – Brasília, 2007.

BAPTISTA, Mônica Correia. **A Linguagem Escrita e o Direito à Educação na Primeira Infância**. Centro de Alfabetização Leitura e Escrita - CEALE. Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. UFMG. Minas Gerais, 2010.

BARBOSA, Maria Flávia Silveira. **Música na Educação Infantil: Reflexões e Proposta didática para Professores não-especialistas**. Centro de Educação – UFES. UNESP.

BRÉSCIA, Vera Lúcia Pessagno. **Educação musical: bases psicológicas e ação preventiva**. São Paulo: Átomo, 2003.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 1998.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2009.

GODOI, Luis Rodrigo. **A Importância da Música na Educação Infantil**.

Universidade Estadual de Londrina. Trabalho de Conclusão de Curso (monografia) apresentado ao Curso de Pedagogia – Graduação, 2001.

JEANDOT, Nicole. **Explorando o universo da música**. Série Pensamento e Ação no Magistério. Editora Scipione, São Paulo. 1990

KISHIMOTO, Tizuco Morchida. **A LDB e as Instituições de Educação Infantil: Desafios e Perspectivas na Educação Infantil**. Rev. Paul. Educ. Física, São Paulo, supl. 4, p. 7-14, 2001.

MORES, Ridendo Castigat. **Pensamento e Linguagem**. Lev Semenovich Vygotskk (1896-1934). Edição eletrônica eBookBrasil. Fonte digital: www.jahr.org. 2002.

NASCIMENTO, Anelise Monteiro. **Currículo e Práticas Pedagógicas na Educação Infantil**. Revista Criança, Vol. 43, MEC – Brasília, 2007.

SCHOOEDER. Silva C. Nassif e Jorge Luiz. **As crianças pequenas e seus processos de apropriação da música**. Revista da ABEM. V.19. n.26, 105-118, jul.dez 2011.

SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos**. Contexto, São Paulo, 2016.

SWANWICK, Keith. **Ensinando música musicalmente**. Moderna, São Paulo, 2003.

SCHAFER, R. Murray. **O ouvido pensante**. Fundação Editora da UNESP. São Paulo, 1991.

PEREIRA, Arlete de Costa. **O Educador no cotidiano das crianças**. Série Mesa Educadora para a Primeira Infância, Vol. 3 – Brasília 2011.

Enviado em: Set. 2017.

Aceito em: Nov. 2017.

Como referenciar este artigo:

BEZERRA, Ezenice Costa de Freitas; SANTOS, Telma Cristina Martins dos; PACÍFICO, Juracy Machado. **EDUCA - Revista Multidisciplinar em Educação**, Porto Velho, v. 4, n. 9, p. 159-176, set/dez, 2017. Disponível em: <<http://www.periodicos.unir.br/index.php/EDUCA/issue/archive>>. e-ISSN: 2359-2087.